

Varum Deutsch un net Taitisch?¹

Pronila Krug²

Di Hunsrikschprooch komt fun de Taitisch Keechend woh de selwiche nohme hat – Hunsrik. Di Taitische Imikrande hon di mit geprung do ihi in Brasilie. Unse Imikrande harre kheen orich Raichtum mit brooch, awe das Beste harres im Kop, di hon noore gud Dins mit brooch.

Jede Keechend hat ehn anna Aussprooch, ach in jede Picood gebs unnachit. Do bai uns is noch Portugiisich debai, dan schraib mo, un lees mo, un wi ausschpreche?

In 1870 bis 1890 hots in Deutschland de Kulturkamf geb, un do hot de Erste Minister di Hunsrikschprooch fabott, dorf noore me Hooch Deutsch gesprooch werre, waill das woh was uwe uf de Berge gesprooch is woha.

Di Hunsrikschprooch is jun 2000 Tausend joha alt, in 1605 khonde di Lait jun all leese. Unsa Lait wolle das alles weech werfe, unsa Erbschaft fagesse.

Ich ohn fa main Enkelkind gessod das sollt net fagesse leese was ich schraiwe im Diário. Do sood's fa mich: Ich soll das net leese, wail dan grie ich dorinande in main Kop. De Mensch khaan füll Sprooche lerne, das geb ima noch Mensche woh kanz adrassode sin.

¹ A Revista Contingentia agradece à Editora Z Multi por permitir a publicação na íntegra da crônica *Varum Deutsch un net Taitisch?*, publicada no livro *Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken* (Z Multi Editora, 2018), nas páginas 108 e 109.

² Rainha do Kerb em Ivoti, Pronila Krug nasceu em 6 de setembro de 1946, em Picada 48 Baixa, hoje Lindolfo Collor. Mudou-se para Ivoti/RS e casou-se com Arnildo Krug, com quem teve três filhos. Por vários anos, escreveu crônicas em Hunsrückisch para os jornais *O Diário da Encosta da Serra*, de Ivoti, e *Jornal RS*, de Novo Hamburgo. Trabalhou por 32 anos na Prefeitura de Ivoti, atuando como professora, diretora, vice-diretora e supervisora escolar. Escreveu seu primeiro livro com 72 anos, o bilíngue *Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken* (Z Multi Editora), em que compilou os vários dos textos publicados ao longo dos anos nos jornais. Publicou o volume 2 de *Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken* (Z Multi Editora) em 2021, seguindo o mesmo formato. No mesmo ano, inaugurou a *Série Ivoti 70+* de Belmiro Meine, com o volume 1: *"Memórias vivas: Pronila Krug"* (Z Multi Editora). Em 2022, foi patrona do 4º Festival Literário e da 13ª Feira do Livro Escolar de Salvador do Sul. Em 2023, lançou seu último livro, *"De cabelos brancos, pronta para tudo"* (Z Multi Editora). Faleceu aos 77 anos, em 14 de fevereiro de 2024. (Texto enviado à Contingentia pela Z Multi Editora).

Por que alemão, e não Hunsrik?³

Pronila Krug

A fala do Hunsrik se origina na região da Alemanha que possui o mesmo nome – Hunsrik. Essa herança cultural que formou a nação brasileira é nossa verdadeira herança cultural, que temos que preservar. Os imigrantes alemães a trouxeram para o Brasil e enriqueceram nossa Pátria. Eram pessoas simples, sem muito dinheiro, mas tinham boa cabeça e trouxeram também o trabalho braçal.

Não é fácil escrever em Hunsrück. Cada região tem outra pronúncia, até em diferentes Picadas existem diferenças. E aqui em Ivoti ainda tem as influências do português.

Como, então, escrevê-lo? Como pronunciá-lo?

De 1870 a 1890 aconteceu na Alemanha o Kulturkampf, e o Primeiro Ministro então proibiu o Hunsrik. Mas o Hunsrik é uma língua e é a expressão de um povo. Ela tem dois mil anos. Em 1605, naquela região, todos já sabiam ler e até existia jornal.

Perguntei para a minha neta se ela lia minha coluna. Ela me respondeu que foi aconselhada a não ler, porque poderia se confundir com o alemão que estava aprendendo na escola. Mas eu conheço pessoas que falam quatro ou cinco línguas. Será que se confundem?

34

Comentário editorial (Sofia Froehlich Kohl⁴)

Pronila Krug publicou centenas de crônicas em Hunsrückisch sobre os mais diversos assuntos, dentre eles relações familiares, aspectos culturais, religiosos e linguísticos, acontecimentos históricos e testemunhos pessoais. Em sua crônica "*Varum Deutsch un net Taitsh?*", discute a origem do Hunsrückisch falado no Brasil, sua importância cultural e aponta para a dificuldade de garantir que a língua continue sendo usada. Para exemplificar essa dificuldade, a autora menciona no final da crônica um diálogo que teve com sua neta a respeito da sua coluna publicada em Hunsrückisch no Jornal O Diário. A neta, conforme diz a autora, foi desaconselhada a ler as crônicas, já que o Hunsrückisch supostamente poderia interferir no aprendizado do alemão padrão.

³ Tanto o texto em Hunsrückisch quanto o texto em português foram digitados conforme a publicação no livro de Crônicas, sem quaisquer edições.

⁴ Mestre em Estudos Alemães, tradutora, membro da comissão editorial da Revista Contingentia.

Esse pequeno diálogo explicita que talvez o desconhecimento/ desinteresse da geração mais jovem pelo Hunsrückisch é, ao contrário do que se convencionou dizer, em grande parte, resultado das decisões da geração anterior e não das suas próprias. Na última frase do texto em Hunsrückisch, Pronila faz uma crítica veemente em relação a esse posicionamento puritano, em que diz: "É possível que se aprenda muitas línguas, mas ainda há gente que é bem atrasada."⁵ Já na crônica em português, que certamente surgiu consideravelmente depois da crônica em Hunsrückisch⁶, Pronila apresenta o tópico da língua de imigração em certa medida de maneira ufanista, distanciando-se da sua avaliação crítica (apresentada na crônica em Hunsrückisch) em relação ao descaso com o que ela chama de "verdadeira herança cultural".

A tradução da crônica para o português, como é o caso da maioria das traduções que Pronila fez de seus textos, suscita uma sensação de se estar diante de um quebra-cabeça em que é possível vislumbrar a imagem final que resultará da montagem, mas do qual invariavelmente faltam algumas peças – têm-se apenas pinceladas sugestivas da opinião da autora e de sua visão sobre os fatos. Nas vezes anteriores em que li as crônicas da Pronila, as discrepâncias entre os textos em Hunsrückisch e em português me pareciam ser resultado de um certo trabalho de censura, em que a autora intencionalmente ou não incorria quando traduzia os textos para o português. Pensei inclusive se tratar de alguma sorte de seleção de interlocutor, já que me parecia que os textos em Hunsrückisch se dispunham a uma comunicação mais honesta, disponível apenas para alguns leitores. Ao ler e reler essa crônica em específico, me pareceu que o texto talvez não tenha sido exatamente censurado, mas coado através do português, de forma a manter os fatos, mas livrando-o dos gruminhos de emoção. Há certamente uma explicação para o descolamento entre os dois textos que se propõem, no limite, a ser um só: talvez menos tempo, menos inspiração, menos conexão com a língua portuguesa, enfim. De todo modo, os textos de Pronila espelham o lugar de uma geração, que viu e vê a resignificação das suas heranças culturais e que nem sempre assiste calada.

⁵ Minha tradução. A tradução da autora é bem menos incisiva, em que opta por terminar o texto com um comentário um pouco sarcástico, em vez de classificar o puritanismo linguístico como algo ultrapassado.

⁶ Em uma conversa com a autora, tive a oportunidade de perguntá-la por que decidiu traduzir as crônicas para português. Ela me respondeu que foi para atender ao pedido de uma pessoa interessada em saber sobre o que as crônicas publicadas periodicamente no jornal local tratavam, mas que não entendia Hunsrückisch. Para quem consegue ler nas duas línguas fica evidente que a autora (se assim pode ser dito) censurou seus textos sistematicamente, fazendo das versões em português textos brandos e de traços poéticos borrados.